

AS VOZES DAS SAGAS: UMA ANÁLISE DAS INFLUÊNCIAS E CONJUNTURAS NA PRODUÇÃO DAS SAGAS ISLANDESAS SOBRE A ÓTICA BACKTINIANA

THE VOICES OF THE SAGAS: AN ANALYSIS OF THE INFLUENCES AND SITUATIONS IN THE PRODUCTION OF THE ICELANDIC SAGAS THROUGH THE OPTICAL OF BACKTIN THOUGHTS

André Araújo de OLIVEIRA*

Resumo: As sagas islandesas são uma das principais fontes de estudo da Escandinávia medieval. São fontes escritas normalmente posteriores aos fatos narrados, sendo assim originária de uma tradição oral contemporânea a sua produção. Essa problemática, da temporalidade das sagas e o contexto de análise e produção, deixa o seu estudo com várias armadilhas e incógnitas, que buscaremos contemplar nessa breve análise. Buscaremos uma possível metodologia para o estudo das sagas por meio do uso da reflexão de Bakhtin no qual se compreende o discurso/enunciado como um produto social, e assim deve ser compreendido como um resultado da plurivocidade do seu discurso.

Palavras-chave: Escandinávia Medieval – Sagas Islandesas – Mikhail Bakhtin.

Abstract: The Icelandic sagas are the major source for the study of medieval Scandinavia. They are sources usually written after the events narrated, thus originated from an oral tradition contemporary to the production. This problem, the temporality of the sagas and contexto of analysis and production, leaves his study with several traps and unknowns, which we will seek contemplate with this brief analysis. We will seek a possible methodology for the study of the sagas through the use of the reflection in which Bakhtin understands the speech / statement as a social product, and thus should be understood as a result of plurivocity of his speech.

Keywords: Scandinavia Medieval – Icelandic Saga – Mikhail Bakhtin.

Introdução

As reflexões apresentadas nesse artigo buscam fazer a análise das sagas sob a ótica bakhtiniana. A análise bakhtiniana se apresenta na noção de gêneros do discurso, pela busca da problematização no uso e estudo das sagas. Assentados na ideia de Bakhtin para análise das sagas têm-se concepção da não existência de um *discurso*¹ inicial, que resulta na pluralidade de discursos. A aplicabilidade e análises das fontes esboça uma complexidade no estudo e o no uso destes documentos.

Para Bakhtin, a relação entre a *língua*² e o círculo de interações sociais se dá por

* Mestrando em História – Programa de Pós-Graduação em História – UFMA – Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacanga, CEP: 65085-580, São Luis, Maranhão – Brasil. Bolsista Capes. Membro do Núcleo de Estudos em Vikings e Escandinávia. E-mail: andre3k.oliveira@gmail.com

meio de formas de enunciados de tipos relativamente estáveis para cada esfera da relação humana, na qual esses tipos relativamente estáveis são compostos de três elementos-chaves: conteúdo temático, estilo e construção composicional. O conteúdo temático, somado ao estilo, que são os recursos lexicais, fraseológicos, e gramaticais, e a construção composicional são inseparáveis do enunciado como um todo marcando uma especificidade que Bakhtin (2003, p. 280) denomina *Gêneros do discurso*.³

As influências do Gênero do discurso de Bakhtin se deram, também, nos estudos de Carlo Guinzburg (2013) que intitula esse fato de “filtro deformador”, explicando isso por meio de um processo hermenêutico que ocorria com o moleiro Menocchio. Ao não fazer parte do gênero discursivo produtor do discurso, adaptou-o para sua compreensão (LEITE, 2011, p.54).

O método bakhtiniano consiste na compreensão de que o discurso se dá no convívio social, sendo o mesmo inseparável do contexto espaço-temporal produtor. Este discurso se dá em um processo de interação entre indivíduos de forma que se correlacionam discursos similares e/ou próximos, ou seja, se constrói um discurso baseado no dialogismo, no qual os indivíduos constroem um discurso com influências do seu meio e dos outros indivíduos que coabitam nele. Isso se deu pela compreensão do Círculo Bakhtiniano⁴ da sua noção de *enunciado*:

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor [...] (BAKHTIN, 2006, p. 106).

Nas pesquisas sobre Escandinávia medieval, os estudos sobre as sagas certamente ocupam um lugar diferencial, pois o estudo crescente das mesmas por toda Europa demonstra o interesse crescente no mundo europeu ocidental nos dias de hoje⁵. No cinema, na literatura ou na música é passível de percepção a influência e abrangência dos estudos que rodeiam as sagas (LANGER, 2012, p.142).

As sagas se constituem de uma narrativa literária que foi passada oralmente pelas linhagens familiares da sociedade escandinava medieval, que caracterizam a construção de uma preservação identitária das tradições da região. A autoria das Sagas Islandesas é desconhecida, contudo a sua escrita em prosa é considerada por muitos um dos maiores tesouros literários da humanidade (SMILEY, 2000, p.IX). As sagas são um conjunto de narrativas e estão divididas em diversos gêneros, de modo que facilitam os

estudos das suas variações buscando visualizar, assim, suas particularidades e semelhanças.

Segundo o estudo de Ross (2002), as sagas são um meio de memória cultural, sendo utilizadas para o desenvolvimento de uma autoimagem entre os islandeses medievais e contemporâneos, auxiliando na formação de sua identidade nacional, incluindo-a na história da Europa. Além disso, os estudos das sagas tem se voltado progressivamente para a natureza ficcional da literatura das sagas islandesas.

Na análise das sagas por meio da ótica bakhtiniana, se buscará a aplicação de seu método, compreendendo que o discurso é produzido socialmente e é fundido junto com o contexto que o produz. Sendo assim, como foi explicado anteriormente, um discurso mantenedor da memória dos antigos costumes e recheado de conteúdos fantásticos e sobrenaturais. As reflexões sobre as sagas que apresentamos são exemplificadas por meio de uma ausência da necessidade de um discurso original, partindo da ideia de um discurso formado socialmente como uma válvula de escape para a situação histórica a qual viviam. Contudo, o método bakhtiniano se prevalece da análise da interpretação de uma crítica do documento e, a partir da crítica e análise desses documentos, encontraremos a compreensão dos contextos e dos enunciados estudados.

As reflexões de Mikhail Mikhailovich Bakhtin

Para iniciar as reflexões sobre a obra e pesquisa de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, faz-se necessário compreender a conjuntura de surgimento e reflexão desse pesquisador. Desse modo, se esclarecerá a ótica sobre o seu objeto de estudo e sua interpretação do mesmo. Bakhtin nasceu em 1895 em uma cidade provincial chamada Oriol situada às margens do rio Oka, no oeste da Rússia. Mikhail pertenceu a uma família nobre que valorizava a educação, por esse motivo, ele e seu irmão receberam a melhor educação possível na época, sendo introduzida a cultura europeia (LEITE, 2011, p.44).

Aos nove anos de idade, Bakhtin e sua família se mudaram para Vilno na Lituânia onde ficou até os dezesseis, quando se mudou para Odessa. Essas duas cidades marcaram a sua vida e se tornaram lugares constantes na sua biografia influenciando o seu modo de pensar. Vilno possuía uma peculiaridade que é a multiplicidade de idiomas falados: em um mesmo local, existiam pessoas com nacionalidades polonesas, russas, judias, sem contar os próprios lituanos. Cada um desses povos falava seu próprio idioma

e possuíam seus próprios costumes, fatos que, posteriormente, influenciaria Bakhtin na sua reflexão sobre as *Vozes do discurso*.

Vozes do discurso é um conceito bakhtiniano também chamado de *plurivocidade*, *heteroglossia* e *bivocalidade*. A grosso modo, a *heteroglossia* quer dizer:

[...] um enunciado, ou discurso é permeado por discursos ou enunciados que o antecedem, e como consequência em alguma instância o reproduz, e que esses discursos ou enunciados antecedentes não pertenciam exatamente a uma pessoa, mas sim ao meio social que esse indivíduo pertencia, pois quem se pronuncia, pronuncia a voz de uma sociedade, que às vezes longínqua está no tempo e no espaço [...] (LEITE, 2011, p. 55).

Isso significa que, segundo Bakhtin, a construção de sentido ao texto se dá tanto no processo de produção quanto no processo de recepção, compreendendo assim, que não existe um discurso “original”, pois todo discurso possui as vozes que o antecederam, assim como construirá o discurso uma voz posterior.

Bakhtin iniciou sua vida acadêmica em Odessa no ano de 1913 para abandoná-la um ano após, reiniciando-a em Petrogrado, onde se matriculou no curso de estudos clássicos da Faculdade Filológico-Histórica. Nessa faculdade, se envolveu com círculos intelectuais que seriam determinantes para sua compreensão do dialogismo no qual nunca se fala em uma voz unívoca, mas sempre plural e em resposta a outra (LEITE, 2011, p.45).

Bakhtin se formou em 1918, período conturbado na política no qual ocorreram muitas guerras em território Russo, fato que obrigou Bakhtin a se mudar várias vezes. Por fim, assentando-se em Nevel onde participou de reuniões para debates de intelectuais de áreas distintas. Como produto dessas reuniões, ele constituiu o que se denomina atualmente de círculo bakhtiniano, ou seja, um grupo de intelectuais russos que harmonizam com suas ideias (LEITE, 2011, p. 46).

Os anos seguintes faz parte de uma longa história de participação do pensamento para refletir o texto como um produto do meio social, no qual os seus seguidores não conseguem classificá-lo, chamando-o por vezes de “filósofo”, “linguista”, “filólogo”, “crítico literário” ou “semiólogo”. Contudo, Francisco Leite (2011), estudioso da vida de Bakhtin, considera melhor chamá-lo somente de intelectual, já que ele se encaixaria em todas as nomenclaturas.

A “Era Viking” foi o período que destacou a Escandinávia para o resto da Europa. Começando no século VIII e indo até aproximadamente o ano 1050, as pessoas que habitavam o norte movimentaram e expandiram seus territórios como nunca tinham feito antes (BOYER, 2004, p.7). Navegando do norte do Canadá até Bagdá, criando rotas comerciais e saqueando, os Vikings deixaram sua marca na civilização europeia. Colonizadores do que futuramente se tornariam a Rússia, Groenlândia e Islândia, criaram assentamentos por onde antes existiam poucos povos. Contudo, a construção da palavra Viking, devido aos saques na Inglaterra, atribuiu características negativas a toda uma região devido aos saques, mortes, estupros e ataques que executaram (BRINK, 2008, p.4).

A “Era Viking” é uma construção posterior aos fatos ocorridos, sendo que seus habitantes não se identificavam como uma unidade ou com um só nome; além de que o recorte temporal lhes atribuído é muito falho. Quando os ingleses ou franceses se referiam a eles utilizavam o termo “homens do norte” (Northmen). Contudo, esses “homens do norte” possuíam ideias e planos muito divergentes. A tradição histórica diz que a “Era Viking” se iniciou com saque ao mosteiro de Lindisfarne em 793 e se encerrou em 1066 quando o rei da Inglaterra, Haroldo, derrotou um grande grupo de nortenhos sobre o comando do norueguês Haraldr Harðráði⁶. Os livros, ainda pertencentes a uma tradição histórica, informam que os Vikings nunca mais incomodaram os ingleses. Fato falso, pois quatro anos depois o rei dinamarquês Sven Estridsson foi à Inglaterra reivindicar a coroa apoiado pela aristocracia inglesa. Ao ser rechaçado pelo rei e seu exército, Sven Estridsson retornou a sua terra natal, contudo, seu filho Knut, retornou para atacar a Inglaterra em 1075 dando prosseguimento aos conflitos (BRINK, 2008, p.5).

A colonização da Islândia, segundo o “Livro dos assentamentos” (*Landnámabók*), se deu em torno do ano 870, com aproximadamente 430 fazendeiros-aristocratas no período do assentamento, ocasião em que levaram consigo suas famílias, escravos e servos. Esses aristocratas dividiram a ilha e viviam em um sistema político alodial, sem relação de senhoria ou vassalagem. A liderança local era feita pelo goðar, um líder espiritual e político que resolvia as querelas e advogava em nome dos que viviam sobre seu poder. As decisões eram feitas na Assembleia (*Þing*) e, em 930, ocorreu a Assembleia Geral (*Allþing*) no qual foram resolvidas disputas maiores e se

estabeleceram leis comuns a todos. Todos os líderes poderiam votar na assembleia e seus votos possuíam o mesmo peso (HAYWOOD, 1995, p.92).

Esses nobres vinham da região que hoje é a Noruega, fugindo da tirania do já mencionado rei Hárfagri. Harðráði⁷. Entretanto, ao chegarem à ilha, ela estava habitada por moradores escoceses e irlandeses e, por consequência, alguns nortenhos que se assentaram na região, adotaram mulheres e escravos celtas. Deixando também, dessa forma, um modo de introdução do cristianismo em uma população, ainda majoritariamente, seguidora dos velhos costumes, que seria equivalente ao que chamamos de paganismo. A aceitação do cristianismo como a religião oficial se deu por meio de uma *Allþing* realizada aproximadamente no ano 1000⁸, contudo, isso não significou a conversão de todos (HOLMAN, 2003, p.147). Devemos lembrar que a conversão naquela época não possuía a mesma representação dos tempos atuais. A conversão era referenciada como uma mudança de costumes, *siðaskipti*, sendo assim, é impossível separar completamente a religião e a política nessa sociedade (GABBE, 2005, p.112).

As sagas islandesas foram produzidas após esse contexto, aproximadamente entre os séculos XIII-XIV, normalmente de autoria desconhecida, escritas em nórdico antigo, idioma falado na Escandinávia nessa época (PÁLSSON; EDWARDS, 1989, p.3). O termo *Saga* no idioma nórdico antigo significa história, qualquer história. A palavra é relacionada à *segja* que, em nórdico antigo, significa “dizer”, ou seja, poderia ser usada sobre qualquer coisa dita ou relacionada, independentemente da forma, origem ou assunto em questão (LÖNNROTH, 2008, p.304). As sagas islandesas são originárias de uma sociedade de cultura baseada na oralidade, na qual a arte verbal foi um componente essencial para os trabalhos literários (HELLEN, 2008, p.448). As sagas foram compostas após 1150, mas retratando um passado transmitido por meio da oralidade durante anos.

Segundo Langer (2009), as sagas islandesas são um dos conjuntos mais relevantes e originais da literatura medieval. Elas se dividem em categorias das quais as mais antigas e conhecidas são as sagas lendárias (*fornaldarsögur*), a saga dos reis (*konungasögur*) e a saga de famílias (*íslendingasögur*). Além dessas, também existem as sagas contemporâneas (*samtíðarsögur*), saga dos bispos (*biskupa sögur*), vida dos santos (*heilagra manna sögur*) e os romances de cavalaria (*riddarasögur*) (LÖNNROTH, 2008, p. 304). Devido à vastidão das sagas, optamos, para o presente artigo, realizar um recorte no qual abordaremos somente casos pontuais, buscando

compreender e exemplificar a utilização dos conceitos bakhtinianos na análise das sagas.

O primeiro caso que vamos analisar é a *Eyrbyggja Saga*. Apesar de aparentar ser um registro histórico preciso é, na realidade, uma visão imaginativa e interpretativa do século XIII. Os fatos que se passam nessa saga datam do final do século IX ao começo do século XI, abordando o período sem lei da Islândia, até a construção de uma responsabilidade coletiva. No período de sua escrita, a sociedade islandesa estava em declínio político e econômico, levando o autor a buscar um passado nostálgico ao invés de olhar para o presente, demonstrando, assim, um orgulho do seu passado (PÁLSSON; EDWARDS, 1989, p. 2).

A saga possui autoria e data desconhecidas, contudo sua escrita deixa pistas para pesquisadores criarem uma possível origem. Provavelmente composta no século XIII nas proximidades de Helgafell, o epicentro da história. Nas tentativas de especular uma autoria, os historiadores relacionam sua produção a uma possível casa agostiniana fundada em 1184 em Helgafell, um importante centro intelectual e com a capacidade de produzir tal texto. Dois líderes da casa eram descendentes diretos de Snorri: o padre, figura central da Saga, Thorfinn Thorgeirsson(1188-1216) e Ketil Hermundarsson (1217-1230). Também para reforçar a teorização sobre Helgafell, foi nessa mesma cidade que nasceu Ari Thorgilsson, primeiro historiador vernacular (PÁLSSON; EDWARDS, 1989, p. 3).

Outro indício que apontaria o possível local de produção da saga é a considerável biblioteca da casa agostiniana que, próximo ao ano 1186, possuía quase 120 livros e, no final do séc. XIV, contava com 120 livros em latim e 35 em islandês. Em adição a isso, foi sugerido que, além da *Eyrbyggja*, a saga *Laxdaela* também tenha sido produzida no mesmo local e época, pois Helgafell se torna local central na *Laxdaela* quando ela deixa de ser temporalmente na *Eyrbyggja* (PÁLSSON; EDWARDS, 1989, p. 3).

A história da *Eyrbyggja Saga* ocorre em um padrão distinto de inter-relação entre famílias e indivíduos, no qual se encontra separado por duas dimensões. A primeira é o movimento linear que vai do séc. IX ao XI, dos colonizadores aos seus tataranetos. A segunda relata as complexas relações de pessoas vivendo em uma comunidade pequena, presas às funções e se relacionando no cotidiano. A fim de se construir uma história palatável, a obra foi dividida em oito sessões, contudo, retiradas de locais que não lhe concedem a mesma harmonia (PÁLSSON e EDWARDS, 1989, p. 4).

Os documentos que basearam a chamada *Eyrbyggja Saga* podem ser divididos

em três grupos A, B e C.: Os manuscritos do grupo A são os textos *Vatnshyrna*, representado por duas transcrições do século XVII e de um codex em papel velino do final do século XIV, que foi perdido: AM 448, 4to e AM 442, 4to. O grupo B, representado por um documento em papel velino do séc. XIV, preservado em Wolfenbüttel; um fragmento de documento datado do final do século XIII e o simplesmente chamado AM 162 E fol e, finalmente, a transcrição AM 446, 4to. Por último, o grupo C contém o texto de *Melabók* representado por fragmentos do início do século XV, AM 445 B, 4to; e as transcrições em papel AM445 A, 4to; Lbs 982, 4to; e 1489, 4to (PÁLSSON e EDWARDS, 1989, p. 174).

Como segundo caso, falaremos da *Egils saga Skalla-Grímssonar*. O protagonista da saga é Egil Skallagrimsson, um viking e poeta. Segundo a história, compôs seu primeiro verso aos três anos e matou sua primeira vítima aos sete, mesmo ano em que executou o seu primeiro saque. A saga faz o trabalho de catalogar suas jornadas e lutas para aquilo que ele, Egil, entende como seu direito contra aqueles que limitam, principalmente, os reis da Noruega (ÓSKARSDÓTTIR, 2004, p. VII).

Um dos temas que se sobressaem nessa obra é a luta de fazendeiros independentes contra os reis que ultrapassam seus poderes. Tal fato soma-se ao modo de pensar dos primeiros islandeses que se assentaram, pois se tratava de uma sociedade sem líder que não possuía um poder central, ou poder real. Existia um poder fragmentado em um grande grupo de *goði* com status políticos diferentes, mas semelhante a um fazendeiro comum. Isso mudou no século XIII, quando, após conflitos internos entre os *goði*, os indivíduos aceitaram a submissão à autoridade do rei da Noruega (ÓSKARSDÓTTIR, 2004, p. VIII).

A saga de Egil é o resultado de um século conturbado, no qual se glorifica o fazendeiro poderoso que está pronto para defender sua honra e de sua família contra qualquer um que busca diminuí-la, seja companheiro de terras ou rei estrangeiro. Devido ao contexto político e econômico de mudança, a figura de Egil representou uma nostalgia a um passado glorioso (ÓSKARSDÓTTIR, 2004, p. IX).

A *Egils saga Skalla-Grímssonar* foi composta na primeira metade do séc. XIII, cujo escritor possuía contato com informações preservadas em documentos escritos, como o *Landnámabók*, presente, também, na tradição oral. Tal saga foi considerada de grande confiabilidade por sua audiência. Grande parte poética da saga pode ter sido composta pelo próprio Egil histórico, contudo, isso é um ponto de debate, marcado por historiadores que atribuem a autoria dos poemas ao escritor da saga (ÓSKARSDÓTTIR,

2004, p. XII).

Diferente da *Eyrbyggja Saga*, o *Egils saga Skalla-Grímssonar* não possui um local de consulta mais antigo fragmentado. O mais antigo fragmento do manuscrito que temos para consulta é datado da segunda metade do século XIII, contudo, o texto mais completo está dentro do codex AM 132 fol., mais conhecido como *möðruvallabók*, datado de 1330-1370 sendo composto por outras 10 sagas compiladas juntamente com a Saga de Egil (ÓSKARSDÓTTIR, 2004, p. XII).

A *Egils saga Skalla-Grímssonar* não possui autoria definida, nem teorizações sobre possíveis autores, apesar de ser possível fazer uma relação de ascendência com Snorri Sturlursson⁹ (1178-1241), poeta, historiador e conhecido autor de muitas obras sobre a Escandinávia medieval. Ignorando-se o nome, as prováveis origens do autor indicam um erudito bem versado na arte da composição e narrativa possuindo a capacidade de conectar múltiplas narrativas, ligando eventos na vida de uma geração a outra e desenvolvendo duas linhas de narrativas simultaneamente (ÓSKARSDÓTTIR, 2004, p. XII).

Como terceiro e último exemplo utilizaremos a *Hrólfs saga kraka ok kappá hans*, ou resumidamente *Hrólfs saga kraka*. Ela faz parte, diferentemente das duas anteriores, do conjunto das *fornaldarsögur*, as chamadas sagas lendárias que narram fatos ocorridos muito antes da colonização da Islândia no século IX. Esta saga narra a história de um líder local da região que hoje seria a Dinamarca chamado Hrólfr do povo Kraki. Escrito em prosa no século XIV na Islândia, possui características muito similares à época descrita no *Beowulf* que foi escrito entre os séculos VIII ao XI (BYOCK, 1998, p.VII).

Pela interpretação da maioria dos estudiosos das sagas, a Islândia medieval é o local ideal para passar a história adiante. Em um local isolado, longe da sua origem, é comum venerar a cultura mãe. Segundo o historiador dinamarquês Saxo Grammaticus¹⁰, escrevendo em torno de 1200 d.C., eles são confiáveis, pois

[...] gastam seu tempo aprimorando seu conhecimento em outras áreas, compensando pela sua pobreza intelectual. Eles têm grande prazer em descobrir e comemorar proezas de todas as nações; segundo a sua visão é esclarecedor discursar na proeza de outros para mostrar a sua própria[...] (BYOCK, 1998, p.VIII).

O ato de se contar história em prosa era um dos atos mais valorizados, sendo considerado uma nobre arte. No momento de escrita dessas prosas, foi permitido aos

contadores de histórias retrabalharem mais amplamente e preservar o conhecimento do passado. Como, por exemplo, no começo do século XIII, foi reunida, em um único texto, uma forma coerente de múltiplas aventuras. A coerência foi tão marcante que quase não se alterou o texto para sua recomposição, em torno do ano 1400, sendo que, em 1461, uma cópia da saga foi incluída na catalogação dos “livros na língua nórdica” na Biblioteca do monastério de Modruvellir no norte da Islândia (BYOCK, 1998, p.VIII).

Dos manuscritos que compõem a saga, o mais recente dos 44 conhecidos manuscritos, data do século XVII. O autor da saga, consciente de que ele estava recompilando um material antigo, manteve a estrutura episódica de sua fonte, narrando quando um subconto começava e outro terminava, como, por exemplo, no conto que o Rei Hrolf engana o Rei Hjorvard “[...] e aqui acaba a história de Svipdag” (ANONIMO, 1998, p.34).

Devido à facilidade de se discernir episódios individuais, a saga, segundo Byock (1998) é, sem dúvida, um trabalho unificado, tal qual o estilo das sagas de famílias islandesas. Mesmo nos momentos em que surgem criaturas fabulosas, o texto possui um tom realístico criando uma história crível para os ouvintes da época. Para auxiliar ainda mais no sentimento de verossimilidade da saga, os locais citados podem ser encontrados nos mapas modernos.

Bakhtin e As Sagas

Ao deixar claro a complexidade dos estudos das sagas e a variabilidade dentro desse campo, faz-se importante problematizar o seu uso e estudo. Para isso utilizaremos os conceitos bakhtinianos e tentaremos esboçar um ensaio da sua aplicabilidade e análise dessas fontes.

Pegaremos nosso primeiro caso, a *Eyrbyggja Saga*, e tentaremos compreendê-lo por Bakhtin. A primeira afirmação importante a se fazer é que o discurso é produzido socialmente e, sendo assim, o discurso é inseparável do seu meio de produção. O discurso da *Eyrbyggja Saga* é preenchido completamente com as vozes que o antecedeu. Sendo assim se tomarmos o discurso no nórdico antigo teremos as vozes dos escritores dos codex e de todos os participantes da manutenção da memória dos antigos costumes.

Com isso, chegamos a um ponto fundamental na compreensão de Bakhtin: não existe o discurso inicial. O discurso foi produto do meio social que foi produzido por múltiplos discursos que, por sua vez, foram progressivamente produzidos por múltiplos

discursos e, assim, foi se perdendo a intenção de análise na infindável quantidade de vozes presentes no discurso analisado. Então, para analisar a *Eyrbyggja Saga*, é necessário compreendê-la no seu contexto de produção, sem se realizar um processo de busca do discurso original.

Atualmente, a compilação de mais fácil acesso da *Eyrbyggja* é uma obra pronta, composta de múltiplos códices – não retornaremos ao processo de montar esse quebra-cabeça, pois, como já explicamos ficaríamos presos na busca de um discurso original inexistente. Então, faz-se necessário tomar um discurso, vindo de um tempo e documento como fonte de análise. Para nosso caso específico, adotarei a versão compilada da *Eyrbyggja Saga* com os tomos reunidos e compilados. A historiografia contemporânea rastreou a *Eyrbyggja Saga* estudada como produto de um ambiente cristianizado e com o intuito da manutenção da sua memória.

Caberia agora ao historiador, questionar e buscar se houve, no processo de produção do discurso, escolhas das vozes presentes no Codex, de modo que se buscava uma repressão ou supressão dos velhos costumes, haja vista que a Islândia pré ano 1000 ainda era seguidora dos velhos costumes. Seria o desejo dos copistas a manutenção da memória mais forte que o discurso cristão de repressão aos velhos hábitos? Caberia, então, ao historiador, questionar a fonte nesse sentido, ou seja, buscando indícios no texto da possibilidade de uma supressão ou modificação da memória no momento da reprodução do discurso no texto.

Saindo do âmbito religioso e entrando no pessoal, também entraria em questão questionar se a presença ou importância do Snorri na *Eyrbyggja Saga* foi repassada por meio da tradição oral ou seria uma construção dos escritores buscando uma glorificação de um passado? Assim como o questionamento supracitado, o da religiosidade, este último também não terá uma resposta certa, somente suposições para se adotar uma postura crítica perante o documento.

O segundo documento, a *Egils saga Skalla-Grímssonar*, não possui uma autoria certa ou duvidosa, somente um contexto político e econômico no período de produção do discurso escrito. Caberia ao historiador utilizar-se das ferramentas que possui ao seu alcance para construir uma metodologia de análise que se encaixe com seu objeto de estudo, e não reaplicá-la sem refletir a sua especificidade.

As reflexões sobre a busca do discurso inicial aplicada no caso anterior, também se vale para todas as outras sagas, no qual se entrará sem fim no processo de busca do elemento catalizador do discurso. Exatamente para se evitar isso, devemos utilizar a

compreensão do discurso como socialmente formado enquanto produto do meio e, com essa lógica, partimos para analisar a *Egils saga Skalla-Grímssonar*.

Em seu contexto de produção, a *Egils saga Skalla-Grímssonar* se apresenta como uma ferramenta de busca de um passado glorioso no qual se possuíam mais liberdades, mais glórias e aventuras. A saga viria no momento correto para uma sociedade que necessitava de uma possível válvula de escape para um momento de insegurança e sentimento de opressão pelo governo Norueguês, ou seja, em um momento no qual os colonizadores da Islândia se mudaram para fugir exatamente do que ocorria.

Contudo, não podemos compreender isso como uma certeza, porquanto a construção do discurso da *Egils saga Skalla-Grímssonar* não possuía a necessidade de seguir essa racionalidade, pois, como produto das vozes e do meio, também apresenta variações que não podemos prever, então, não se deve cair na armadilha de afirmar a “verdade” perante a construção de um discurso. Sendo assim, devemos analisar as possíveis vozes produtoras, tentar compreender o processo de produção e buscar explicações e indagações sobre esse processo.

Por fim, a *Hrólfs saga kraka ok kappa hans*, que, diferente das outras, faz parte das *fornaldarsögur*. Essa saga possui a peculiaridade de falar de um tempo muito anterior ao narrado que, por vezes, apresenta um contexto diferente. Contudo, essa temporalidade divergente influenciaria no método?

Como já citamos anteriormente, o método bakhtiniano pode ser utilizado e adaptado segundo o documento de análise, aproveitando-se de sua interpretação para uma melhor crítica do documento. A temporalidade da *Hrólfs saga kraka ok kappa hans* deve ser levada em conta, pois é no contexto social que se produziu o discurso. Então, a conjuntura político-social de sua reprodução é importante, contudo, isso não abaterá sobre a saga um karma de dificuldade superior. Cada temporalidade deve ser compreendida segundo o seu contexto, pois nem sempre um enunciado é igual ao outro. A temporalidade não se sobrepõem uma na outra, mas sim ordena-se de forma paralela.

A *Hrólfs saga kraka ok kappa hans* narra os feitos heroicos do rei Dinamarquês Hrólfr que possui características e influências similares ao Beowulf. No contexto dos fatos ocorridos, o rei era seguidor dos velhos costumes e o cristianismo ainda não tinha expandido para a Escandinávia. Então, o possível surgimento ou influência cristã poderia ter sido uma possível influencia cristã ou uma exceção ao caso? Não se pode afirmar, pois não se lida com a verdade.

No tocante a produção da *Hrólfs saga kraka ok kappa hans*, outra questão a ser levantada é: para quem foi produzido esse discurso? Pela compreensão bakhtiniana, o discurso é sempre produzido em forma de proposta que espera uma resposta, entrando assim no dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 2003, p.280). As *fornaldarsögur* fazem parte de uma tradição oral secular que buscam a manutenção dos velhos costumes e valores, contudo, em uma sociedade com novos costumes cristãos, qual seria a finalidade da perpetuação das *fornaldarsögur*? O discurso, nesse caso, seria direcionado a outro monge leitor, mas não se teria a compreensão de que não leigos leriam o texto. Dessa maneira, o discurso foi perpetuado como forma de manutenção da memória, mas sem ter a intenção de manutenção do hábito.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LEITE, Francisco Benedito. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. *Revista Magistro*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p.43-63, 2011.
- BOYER, Régis. *Les Vikings*. Paris: Édition Perrin, 2004.
- BYOCK, Jesse L. Introduction. In: Anônimo. *The Saga of King Hrolf Kraki*. London: Penguin Books, 1998.
- BAGGE, Sverre. Christianization and state formation in early medieval norway. *Scandinavian Journal of History*, v. 30, n. 2, p.107-134, 2005.
- CAMPOS, Luciana de; LANGER, Johnni. Brindando aos deuses: representações de bebidas na Era Viking, no cinema e no quadrinhos. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p.141-164, 2012.
- GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- HELLE, Knut. *The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings*. Oxford: The Scarecrow Press, Inc., 2003.
- LANGER, Johnni. História e sociedade nas sagas islandesas: Perspectivas metodológicas. *Alétheia*, v. 1, n. 1, p.1-18, 2009.
- LÖNNROTH, Lars. The Icelandic Sagas. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil. *The Viking World*. New York. Routledge. 2008.
- ÓSKARSDÓTTIR, Svanhildur. Introduction. In: Anônimo. *Egil's Saga*. London: Penguin Books, 2004.
- PÁLSSON, Hermann; EDWARDS, Paul. Introduction In: Anônimo. *Eyrbyggja Saga* London: Penguin Books, 1989.
- ROSS, Margaret Clunies. The realism and the Fantastic in the Old Icelandic Sagas. *Scandinavian Studies*, v. 74, n. 4, p.443-454, 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40920399>>. Acesso em 25 Nov. 2012.
- SELF, Kathleen M. Remembering our violent conversion: Conflict in the Icelandic

conversion narrative. *Elsevier*, United States, v.40, 2010.
SMILEY, Jane. Introduction. In: ÖRNÓLFUR, Thorrson (org.) *The Sagas of Icelanders*. London: Penguin Books, 2000.

Notas

¹ Discurso é um conceito da linguística que segundo Bakhtin é “[...] um sentido definido e único, uma significação unitária, é propriedade que pertence a cada enunciação *como um todo*. Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu *tema*. [...] O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (BAKHTIN, 2006, p. 131).

² A língua para Bakhtin não é somente a comunicação verbal por meio da oralidade, mas inclui toda e qualquer forma de enunciados, orais ou escritos, concretos e únicos, que provem de um indivíduo membro de uma esfera da atividade humana (BAKHTIN, 2003, p.280).

³ Para Bakhtin os *Gêneros do discurso* são impossíveis listar, pois são incontáveis. O fenômeno dos gêneros discursivos ocorre na esfera dos interlocutores, na qual por meio do *dialogismo*, ocorre uma corrente ininterrupta e constante de perguntas e respostas *ad infinitum*, além de ocorrer na esfera das atividades humanas que são infinitas (LEITE, 2011, p.53).

⁴ Os Círculos Bakhtinianos eram círculos de acadêmicos que debatiam variadas indagações surgidas pelas reflexões de Bakhtin, como o dialogismo (LEITE, 2011, p.47).

⁵ Com obras de grande aceitação do público, a historiografia britânica tem tido sucesso ao produzir livros sobre esse período problematizando uma grande quantidade de fontes e buscando esclarecer as massas sobre a Escandinávia medieval. Isso se deve principalmente pela influência de obras literárias como as *Saxon Stories* de Bernard Cornwell.

⁶ Hárfagri. Harðráði (1015-1066) reinou a Noruega de 1046 até sua morte em 1066. Sua saga na *Heimskringla* conta que teve um caso com a imperatriz Zoe, o que a ajudou na sua sucessão ao trono Bizantino. Documentos gregos sugerem que, apesar de supervalorizarem sua importância, ele tinha uma grande reputação no leste (HOLMAN, 2003, p.120).

⁷ Em 850 nasceu o filho de Hálfðan Svarti, que herdou o trono do reino norueguês de Vestfold com 10 anos de idade e, posteriormente, devido a sua capacidade política, foi-lhe creditado a unificação de toda a Noruega. O seu apelido, cabelos belos, é explicado pela *Heimskringla*, pela qual ele prometeu não cortar os cabelos enquanto não conquistasse controle sobre toda a Noruega. Perto do fim de sua vida, abdicou o trono em favor de seu filho, Eiríkr blóðöx. Morreu aproximadamente em 930 deixando várias mulheres e filhos (HOLMAN, 2003, p.119).

⁸ Realizada na planície de Thingvellir, com a presença do *Lögsögumaðr*, indivíduo eleito a cada três anos, responsável pela manutenção das leis, foi decidido pela conversão de toda a Islândia para o cristianismo. A historiografia contemporânea discorda quanto à conversão como um processo não violento argumentando que a violência deveria ser considerada, também na face social e cultural. Esse debate é demonstrado por Kathleen Self (2010).

⁹ Snorri Sturlusson (1179-1241) foi um nobre islandês e historiador nascido em Hvammr, filho de Sturla Þórðarson. Tornou-se muito conhecido pelos pesquisadores da Escandinávia medieval por ser o autor de obras memoráveis que servem para o estudo da religião, história e poesia no mundo nórdico. Foi o autor da história dos reis da Noruega chamada *Heimskringla*, a história do Santo Olávo e, também é escritor da Edda em Prosa (HOLMAN, 2003, p.255).

¹⁰ Saxo Grammaticus (1150-1220) foi um escritor Dinamarquês do século XII, cujo apelido Grammaticus vem do seu grande trabalho histórico elaborado em prosa no Latim. Pouco se sabe sobre sua vida, exceto que ele provavelmente veio da ilha de Sjaelland e que era proveniente de uma família de guerreiros. Saxo e sua obra foram mencionados pela primeira vez na *Historia Regum Danicae Compendiosa* de Sven Aggesen, na qual sua obra é descrita como o escrito da história dos reis dinamarqueses do século XI (HOLMAN, 2003, p.236).

Artigo recebido em 30/10/2013. Aprovado em 11/12/2013.